

## LACAN E SAUSSURE NO CINEMA

*Natanael Duarte de AZEVEDO\**  
*Mônica NÓBREGA*  
(UFPB)

### **Resumo**

O presente artigo contribui com a aproximação que fazemos entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana, com uma melhor compreensão desta estrutura que Lacan diz ser a do inconsciente e que ele mesmo afirma ser semelhante a uma estrutura de linguagem. Analisamos, segundo as teorias propostas por Ferdinand de Saussure, as relações sintagmáticas e associativas e sua funcionalidade dentro do sistema. E, em Jacques Lacan, os movimentos de metáfora e de metonímia. Com base nestas teorias, nossa análise buscou inferir dos crimes da *Cobiça* e da *Vaidade*, cometidos pelo assassino do filme *Seven – Os sete pecados capitais*, de David Fincher, os movimentos de linguagem, como deslizamentos que constituem o sujeito.

**Palavras-chave:** lingüística; psicanálise; cinema.

### **Considerações iniciais**

O artigo em tela faz parte da pesquisa que realizamos sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Nóbrega, com financiamento do PIBIC/CNPq/UFPB, na área de linguagem e psicanálise, em que buscamos traçar pontos convergentes e divergentes desses estudos (lingüística e psicanálise), aplicando-os nos movimentos de linguagem extraídos de personagens do cinema. Para tal construção de um arcabouço

---

\* PIBIC/CNPq/UFPB.

teórico-metodológico enveredamos pela leitura de literaturas bases para a construção deste conhecimento, a saber: O *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure e o *Seminário 3 – As psicoses*, de Jacques Lacan. Estes dois livros serviram de base teórica para analisarmos, inicialmente, dois crimes cometidos pelo assassino do filme *Seven*. Salientamos que em nossa pesquisa analisamos os sete crimes cometidos no filme, mas devido às limitações impostas pela natureza deste artigo, detivemo-nos à análise de apenas dois crimes que servem de paradigma para os outros crimes.

### **A língua e o seu valor para Saussure: elementos constituintes do sistema lingüístico**

Do lado da lingüística, levantamos questões a partir do conceito de sistema, proposto por Saussure, através do qual a lingüística influenciou alguns estudos estruturalistas europeus no quadro das ciências humanas, tais como antropologia (Lévi-Strauss), literatura (Roland Barthes), psicanálise (Jacques Lacan), filosofia (Louis Althusser), entre outros, chegando a ser chamada de "ciência piloto".

É importante percebermos em Saussure a necessidade de se tomar a língua como sistema, uma vez que, segundo o autor (1996), o elemento isolado na língua não tem nenhum valor e o que condicionará o real valor desse elemento (signo lingüístico) é sua função, sua relação com outros elementos dentro do sistema. Salientamos também que é preciso compreender a noção de sistema lingüístico tendo como base os estudos realizados por Saussure sobre as dicotomias (língua/fala; imagem/som; diacronia/sincronia), nas quais observamos a impossibilidade, aí onde muitos lingüistas pecam a respeito dos estudos saussurianos, de analisarmos o signo de forma descontextualizada, ou de forma excludente, sem o situar em relação a outros elementos lingüísticos, daí a primazia da funcionalidade no sistema.

Para Saussure, determinar como objeto primeiro dos estudos da lingüística a língua é, antes de tudo, eleger um ponto de partida gerado por um ponto de vista, pois só assim é possível criar o objeto a ser estudado. Como vemos no CLG (SAUSSURE, 1996, p. 15): "Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto".

Sobre o signo lingüístico, verificamos a essência do conceito saussuriano de língua não como uma nomenclatura, ou seja, determinados termos que correspondem a determinadas coisas, como mesmo demonstra o autor: "O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica" (Idem, 1996, p. 80). Por conceito entendemos o significado e por imagem acústica entendemos o significante.

Trataremos o signo lingüístico exatamente como sendo resultante dessa relação entre significado e significante. A partir desses conceitos de signo, de significantes e de significados, entenderemos o que Saussure propõe como arbitrariedade.

Esse conceito de signo arbitrário proposto por Saussure requer uma atenção maior para que entendamos o cerne da produção dos sentidos. É pelo conceito de arbitrariedade que o autor deixa claro, para quem estuda sua teoria, que a lingüística não trabalha com o signo em si, mas com sua relação dentro de um sistema, para assim produzir sentido. Não há, segundo Saussure, uma motivação para que determinado conceito seja ligado à determinada imagem acústica, como no exemplo proposto pelo genebrino (1996):

A idéia de 'mar' não está ligada por relação interior alguma à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante.

Ou seja, não há uma motivação intrínseca na relação significado (mar) e significante (m-a-r), seja ela de caráter social ou de caráter histórico, como era estudado segundo o método comparativista.

No que concerne ao estudo das relações sintagmáticas e associativas, podemos observar na teoria do sistema lingüístico proposto por Saussure a questão de relações distintas, porém indissociáveis, uma vez que é impossível fazer um recorte nessas relações e estudar apenas um lado do sistema.

Na relação sintagmática, observamos um encadeamento, baseado no caráter de linearidade do signo, excluindo, dessa forma, qualquer deslize da língua, como por exemplo, pronunciar duas palavras ao mesmo tempo, ou que rompam as regras gramaticais próprias de cada língua. É uma relação em presença. Esta presença, dita por Saussure, ocorre no ato da língua, exercendo, assim, uma função de seleção, limitadora da relação associativa. É pertinente essa observação de Saussure para entendermos o discurso, pois só assim, através deste mecanismo de seleção, é que o discurso aparece.

Sobre a relação associativa, Saussure diz que ela ocorre em ausência. Essa ausência não implica dizer que a relação associativa está excluída do campo lingüístico, e sim que ela ocorre na memória, por semelhança. É como se cada palavra pronunciada pelo sujeito fosse acumulada na mente, como ressalta o autor:

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha. (SAUSSURE, 1996, p. 150-151)

É na afirmação do autor de que a relação associativa não está excluída, que está na memória, que Lacan estuda a produção dos sentidos, como podemos observar em análise, tal como uma fuga, um rompimento do significante, furando a barra do recalque, produzindo o que os psicanalistas chamam de "ato falho", por exemplo.

### **Da metáfora e da metonímia e da constituição do sujeito**

É nesta perspectiva de sistema, proposto por Saussure, que Lacan fundamenta sua teoria de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, decorrente das relações sintagmáticas e associativas, em que Lacan busca uma aproximação nas relações de metáfora e metonímia, movimentos de linguagem, que constituirão e produzirão sentidos no sujeito.

É preciso entender, inicialmente, a metáfora como uma identificação, como uma substituição de significantes<sup>1</sup> e não como os retóricos a conceituam, uma comparação abreviada. Porém, Lacan atenta para o fato de que, em seu princípio, a metáfora designa alguma coisa por meio do nome de outra coisa, ou seja, essa substituição ou identificação não ocorre de forma arbitrária, mas em decorrência de preencher o vazio da falta do recalque primeiro.

A metáfora, por ser substituição, tem um processo semelhante ao que observamos na lingüística saussuriana, na noção de relações associativas que, por sua vez, são processos que acontecem por similaridade, conforme Jakobson (1995) observou nos estudos das afasias.

Como descrevemos acima, a metáfora como a substituição do significante em relação ao S<sup>1</sup> (significante originário – recalque originário) é um dos elementos constitutivos do sujeito, como será discutido mais adiante. Lacan analisa a funcionalidade da metáfora, que está para o sujeito neurótico, uma vez que o sujeito psicótico é impossibilitado de realizar metáforas já que o recalque original não é bem sucedido. Na psicose, a metáfora nunca

---

<sup>1</sup> Significante. S.m. (alem.: *Signifikant*; fr.: *signifi-ant*; ing.: *signifier*). Elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito. O termo significante foi tirado da lingüística, segundo Saussure (CHEMAMA, 1995).

se realiza totalmente, aparecendo apenas como uma metáfora delirante, como ressalta o psicanalista:

...esse delírio pode até um certo ponto ser qualificado de loucura raciocinante, no sentido em que a sua articulação é lógica por certos aspectos, mas de um ponto de vista secundário. (LACAN, 1988, p. 247)

Como a metáfora delirante é vista de forma secundária, o que fica evidenciada em uma análise é a articulação metonímica de um sujeito psicótico.

No que diz respeito ao estudo da metonímia, levantamos aqui as questões e definições propostas por Lacan para entendermos a metonímia como um movimento de linguagem que faz parte da formação do inconsciente, ou seja, a metonímia é outro elemento constitutivo do sujeito. Na etimologia da palavra, temos a metonímia como sendo a mudança de nome. O seu emprego na linguagem é para designar uma transferência de denominação, através de relações (matéria entre o objeto; continente entre conteúdo; parte pelo todo). Mas a metonímia representa, para Lacan e Jakobson, diferente de como é tomada em uma perspectiva retórica, o encadeamento dos significantes. Para Lacan, ela é o fio condutor, aquela que está no ponto de partida da significação própria a cada sujeito, o que torna possível a realização da metáfora (LACAN, 1988).

A metonímia, como um processo de encadeamento de significantes, é semelhante às relações sintagmáticas estudadas na lingüística saussuriana, ou seja, as relações de linearidade do signo.

O que pudemos observar em nossas leituras e discussões a respeito da teoria lacaniana do sujeito é que sua estrutura é fundamentada a partir da intervenção do Pai. Entretanto, deixamos claro que ao tratarmos de "pai" ou "mãe" não estamos fazendo referência aos seres biológicos e sim às funções exercidas como "pai" e "mãe". Sendo assim, ao

aceitar a intervenção paterna, a criança "deixa de ser o desejo do desejo do Outro, a mãe, identificando-se com o objeto deste desejo, ou seja, o *fálus*" (LEMAIRE, 1989).

É necessário entendermos *fálus* não como o sexo real, biológico, mas como uma metáfora que representa o poder. Salientamos que este processo chamado "castração" só ocorre a partir de uma aceitação por parte da criança junto à mediação da mãe, permitindo que o pai exerça a função interventora e, por conseguinte, castrando o filho. Para isso é importante que a mãe e a criança reconheçam a voz do pai como uma Lei.

Esse reconhecimento por parte da mãe será essencial ao acesso da criança ao Simbólico pela metáfora paterna, pois se a mesma reconhece o pai como a Lei, a criança terá êxito no processo de castração, instalando-se o recalque originário e, assim, constituindo-se como um sujeito neurótico. O não reconhecimento desta Lei interventora condicionará a exclusão do Nome-do-Pai, acarretando, assim, a criança a permanecer identificada ao *fálus* e se submetendo ao objeto de desejo da mãe, constituindo-se como um sujeito psicótico.

Segundo Pimenta (2005), é também o fracasso da metáfora paterna, ou seja, o recalque originário, que produz no psicótico a incerteza quanto à sua individualidade, levando-o a confundir-se com a coisa, ou com o nome da coisa.

O que chamamos acima de castração é o efeito interventor, ou seja, o recalque, que é elementar na constituição do sujeito, a partir da aceitação ou exclusão desse recalque. É sabido que o sujeito estrutura-se como neurótico e como psicótico, mas é através dessa ordem interventora que essa estruturação irá ocorrer.

No que concerne à função paterna, ela está no centro da questão do Édipo, em que Lacan faz uma releitura bem sucedida das atestações freudianas sobre o complexo de Édipo, afirmando que na medida em que a criança deseja a mãe e tem o pai como um rival, pode-se considerar o fenômeno edípico como sendo o primeiro ato agressivo da criança contra o intruso, o pai.

É no complexo de Édipo que a criança se humaniza tomando consciência de si, do mundo e dos outros. Ocorrendo o acesso ao Nome-do-Pai, instaurar-se-á o declínio do Édipo, em que a criança deixa de Ser o *fálus*, que é objeto de desejo da mãe, e passa a desejar Ter o *fálus*, que é representado pelo pai. Esse efeito de resolução do Édipo libera o sujeito dando-lhe, com o Nome e o lugar na constelação familiar, o significante originário de si, a subjetividade, como bem afirma Lemaire (1989).

Havendo o fracasso do recalque originário, e, portanto, o fracasso da entrada do sujeito no Simbólico, acarretará a ancoragem do sujeito no imaginário tomado por uma realidade e, por conseguinte, na não-distinção entre significante e significado, fenômeno esse que Lacan irá chamar de *forclusão*. Conforme Lemaire:

O fenômeno de *forclusão* em Lacan é o que distingue a psicose da neurose. Define-se pelo fracasso do recalque originário e, portanto, pelo fracasso na entrada do simbólico ou na linguagem. O sujeito permanece ancorado no imaginário, tomado por real, ancorado na não-distinção entre significante e significado, quer o significante seja privilegiado e tomado no seu sentido literal fora de qualquer operação referencial à sua dimensão de símbolo, que o significado tenha a prevalência. (LEMAIRE, 1989, p. 131)

Sobre a constituição neurótica, destacamos que nela verifica-se a ocorrência de forma bem sucedida do acesso ao Simbólico (o mundo da linguagem) por parte do sujeito, através da intervenção da metáfora do Nome-do-Pai. Essa constituição será marcada pelo recalque originário.

O recalque é o interdito de certo conteúdo à consciência, o qual, fortemente investido, pode manifestar-se disfarçadamente sob a forma de sintoma (PIMENTA, 2005), portanto, o castrado é um sujeito que adveio na linguagem e, desta forma, o sujeito se constitui na falta, que é para Lacan o elemento constitutivo do sujeito para uma estruturação neurótica.



Segundo Lemaire (1989):

o acesso ao simbólico salda-se pelo que Lacan chamou de 'divisão do sujeito', pela perda de uma parte essencial dele mesmo, pois no simbólico o sujeito não pode ser se não representado, traduzido.

É justamente nesta falta e nas representações que o sujeito realizará os movimentos da linguagem, a metáfora e a metonímia, sempre numa tentativa de substituição do que foi recalçado, o que chamaremos de  $S^1$ , por se tratar do primeiro significante. Salientamos que não há conhecimento do  $S^1$ , por se tratar de algo que nunca será dito, ou seja, a verdade absoluta que Lacan denominará de Real, este Real fica no inconsciente e é constituído pela falta constante.

O sujeito será efeito do significante  $S^1$  e não causa, devido a isso a formação do sujeito será heterogênea, uma vez que o processo de acesso ao Simbólico é o mesmo para todos os indivíduos, mas ocorre de forma muito singular em cada um, e esta individualidade será sempre marcada pelos deslizamentos, ou seja, pelo movimento que os significantes assumirão em decorrência do  $S^1$ .

### **Do filme – a análise**

Analisaremos a seguir os crimes da *Cobiça* e da *Vaidade* no filme *Seven – Os sete pecados capitais*, segundo as teorias propostas por Saussure (relações sintagmáticas e associativas) e Lacan (movimentos de metáfora e de metonímia) já discutidas acima.

Cabe-nos aqui fazer uma breve introdução ao filme *Seven – Os sete pecados capitais*. O personagem (sujeito) central do filme é John Doe; ele transgride as leis da racionalidade e decide por conta própria, como instrumento divino de purificação, banir os pecados mundanos que

assolam a humanidade. Na busca desta “pregação” religiosa, o sujeito realiza uma contínua ação criminosa para que sirva de exemplo/espelho para os outros indivíduos, desencadeando assassinatos em série que chocam a polícia local.

Podemos observar no filme *Seven* que o mesmo significante – morte – desliza pelas diversas cenas envolvendo os personagens do filme, sacrificados por John Doe à morte, constituindo, portanto, cada sujeito de uma forma diferente.

Na análise do filme, percebemos a superioridade do significante sobre o sujeito, fenômeno este comprovado pelo elemento que guia o sujeito Doe. De mesma forma esse significante que move Doe será determinante para imolação das vítimas e também guiará os policiais na busca de entender o assassino e seus crimes.

Para a análise partiremos do ponto que Lacan conceitua como fio condutor, ou seja, a metonímia. Esta está presente no ponto de partida da significação própria a cada sujeito (LACAN, 1988).

Observemos, então, os movimentos metonímicos realizados pelo sujeito John Doe, para assim chegar à significação da realização da metáfora.

O filme traz diversos personagens que se movem de acordo com suas relações com os pecados capitais e esta movimentação torna-se o ponto principal da narrativa. Toda a movimentação começa quando o sujeito Doe se considera um pregador divino, escolhido pelo superior, Deus (Grande Outro), que por meio da atrição, ou seja, o arrependimento forçado e não por amor a Deus, se inscreve como justiceiro, como podemos perceber na fala de Doe: “Pra você é mais conveniente me rotular como louco... Não é algo que eu espere que você aceite. Mas eu não escolhi. Fui escolhido.” (SEVEN, 1995).

Segundo a análise que realizamos a respeito do personagem John Doe do filme *Seven*, a morte, por atrição, ocupa a função de um significante que desliza em relação ao

significado que suas vítimas assumem. Os sujeitos do filme são movidos em relação ao desejo/missão de purificação dos pecados capitais, ou seja, a morte/castigo é responsável pela movimentação dos sujeitos. Assim sendo, podemos dizer que os sujeitos se movem a partir do significante morte, e este só existe entre significados, pois a realização de purificação só ocorre em relação às vítimas, ou seja, o significante "morte" que move Doe precisa relacionar-se com a significação que o mesmo significante morte exerce nas vítimas.

### **Da Cobiça**

O segundo crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de ambição, a cobiça, o corrupto, o avaro, representativo de um crime que merecia purificação. Percebemos, na cena do crime, que o indivíduo padecia sobre livros de justiça, em posição de redenção.

Destacamos os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes "advogado", "tortura", "mutilar-se", "balança", culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito avaro pelo significante cobiça.

O advogado representa para Doe a cobiça, uma vez que este profissional defendeu um criminoso por dinheiro, ganância, mantendo relação com o próximo crime, o da preguiça. Salientamos, novamente, que a significante morte direciona Doe a escolher sua vítima e exercer sobre ela a missão de purificação do segundo pecado carnal.

Constatamos que o significante "morte" exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, a automutilação para alcançar a redenção. Percebemos, então, uma ruptura do que é esperado, já que para o avaro os bens é o que mais interessa, e a vítima prefere entregar-se à morte a ter que imolar-se, como vemos no bilhete deixado por Doe: "Cumprida esta

tarrafa, ele estaria livre" (SEVEN, 1995). E mais: "Uma libra de carne. Nem mais, nem menos. Sem cartilagem, sem osso, só carne" (Op. Cit., 1995).

É nesta recusa à automutilação que notamos que o significante "morte" desliza de maneira distinta nos sujeitos. Para Doe, este movimento substitutivo assume a representação de purificação, enquanto que para a vítima o movimento de substituição assume o caráter de castigar-se. Como punição pele recusa da vítima, Doe castiga-lhe deixando-o sangrar até a morte e arranca-lhe pedaços de seu corpo para que este entenda sua subserviência perante Doe. É percebido ainda que exista, nesta cena, toda uma significação na morte, uma vez que a vítima estava com a cabeça amarrada sobre seus livros jurídicos, com pedaços do corpo cortado e a carne colocada sobre a balança, representativo da justiça, como que um ato de se redimir pelos pecados cometidos.

### **Da Vaidade**

O quinto crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de vaidade, o apego pela beleza, a soberba, a falta de humildade, outro representativo de pecado carnal que merecia purificação, e este para São Tomás de Aquino é a mãe de todos os pecados capitais, uma vez que pelo desejo da superioridade somos capazes de cometer outros pecados carnis.

Observamos, na cena do crime, que a vítima morre desfigurada, como castigo. Percebemos, então, na análise da cena do crime os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes "modelo", "beleza", "tortura", culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito mulher bonita pelo significante vaidade.

Por perceber que o mundo da moda é permeado por "vaidades" o assassino busca numa modelo a punição para este pecado capital, dando-lhe a oportunidade de redenção

deste pecado. Constatamos que o significante "morte" exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, viver sem a beleza.

Percebemos, novamente, aí, uma ruptura do que é esperado, já que a modelo se nega a viver desfigurada e decide morrer. À vítima foi dado o direito de viver (Doe lhe entrega um telefone para que esta ligue para o hospital) ou dormir até a morte (na outra mão Doe lhe entregou remédio para dormir), como verificamos no texto que Doe deixa na cena: "Grite por socorro e viverá. Mas ficará desfigurada. Ou ponha um fim na sua própria dor." (SEVEN, 1995).

Morrer a viver sem a beleza foi o caminho escolhido pela modelo, afirmando, assim, sua postura diante do pecado da vaidade.

### **Considerações finais**

Após a análise e discussão que levantamos aqui, vemos que a constituição do sujeito John Doe se dá em relação à posição assumida por este diante do significante morte. Nesse sentido, como vimos anteriormente, o posicionamento do significante exerce influência diante dos sujeitos de formas diferentes, é por isso que dizemos que o sujeito é *feito* do significante S<sup>1</sup> (significante primeiro) e não *causa*, já que o processo de acesso ao Simbólico (linguagem) ocorrerá de forma distinta em cada indivíduo.

Assim, muito embora os sujeitos possuam um lugar na língua, percebemos que esta relação ocorre de maneira distinta, e é por isso que analisamos sempre os movimentos de linguagem segundo a perspectiva de John Doe e nas perspectivas das vítimas.

É necessário enfatizar, nestas conclusões a que chegamos, a relação intrínseca existente entre os movimentos de metonímia e de metáfora, processos estes que constituirão o sujeito, revelando, assim, a forma como cada um se inscreve diante da posição assumida pelo significante morte.

Nesse enfoque, destaca-se, ainda, o papel fundamental desta análise, que é perceber como ocorrem os deslizamentos (movimentos) de linguagem em cada sujeito e não enquadrarmos estes em uma situação clínica de neurose, psicose ou perversão.

#### Referências

- CHEMAMA, Roland (1995). *Dicionário de Psicanálise: Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- JAKOBSON, Roman (1995). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- LACAN, Jacques (1988). O Seminário, livro 3, *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEMAIRE, Anika (1989). *Jacques Lacan: uma introdução*. 4. ed. Rio de Janeiro: Campos.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1996) *Curso de Linguística Geral. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25ª ed. São Paulo: Cultrix*.
- SEVEN os sete pecados capitais (1995). Direção: David Fincher. Produção: Arnold Kopelson Phyllis e Carlyle. Intérpretes: Morgan Freeman; Brad Pitt; Gwyneth Paltrow; Kevin Spacey e outros. Roteiro: Andrew Kevin Walker. New Line Cinema. 1 DVD (127 min), widescreen, color.
- PIMENTA, Shyrley (2005). Rev. da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro, SPTM, V. 9.1 n. 1 Jan / Jun 2005.